

GABRIELA, CRAVO E CANELA: MERGULHANDO EM SEUS TEMPEROS PARA PROBLEMATIZAR GÊNERO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE PODER

Cláudia Maria Ribeiro¹
Ila Maria Silva de Souza²

RESUMO:

O presente artigo tematiza questões de gênero, sexualidade e relações de poder a partir da problematização de algumas passagens da obra Gabriela, Cravo e Canela. O romance de Jorge Amado, Gabriela – Cravo e Canela, já foi adaptado para a televisão em 1960 pela TV Tupi e em 1975 e 2012 pela Rede Globo de Televisão. A trama da novela Gabriela passa-se na década de 20, época de grandes secas no nordeste brasileiro. O livro de Jorge Amado não é só a história de Nacib e Gabriela nos idos de 1925 mas apresenta o contexto da cidade de Ilhéus, os coronéis, suas esposas, suas amantes, as beatas, o rural, o urbano e a luta política entre o exportador Mundinho Falcão e o coronel Ramiro Bastos. Assim, entre a política coronelista, a grande riqueza proporcionada pelo cacau, as diferenças culturais, pessoais e morais problematizaremos uma época onde a maioria das mulheres não tinham sequer o direito básico de tomarem as próprias decisões e como tudo isso se imbricava com as relações de poder e as possíveis resistências. A leitura do romance, a adaptação para a TV de Walter Avancini exibida na Globo em 1975 e a adaptação de Walcyr Carrasco tem histórias novas e destaques para alguns personagens em detrimento de outros. Nosso interesse reside em problematizar algumas cenas do livro e histórias nas quais Carrasco mergulha e que são pouco exploradas no romance. Não só as histórias, mas cenas veiculadas na minissérie e que nos incitam a mergulhar nos temperos do cravo e da canela temperando as relações de poder.

Contextualizando

O presente artigo é fruto de estudos teóricos sobre questões de gênero, sexualidade e educação com pretensão de colaborar para refletir sobre ditas questões e subsidiar processos de formação de professoras e professores. É inegável que essa temática hoje faz parte da agenda das políticas públicas para a formação docente e tem, nas universidades públicas brasileiras, forte compromisso com a inserção dos temas no ensino, na pesquisa e na extensão e, algumas vezes, com subsídio do MEC para o desenrolar das ações. Entretanto, o alcance dessas políticas ainda não são universalizadas em termos de território brasileiro. Porém, já se avançou muito e se

¹ Professora Associada no Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – UFLA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Relações entre a Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente. Pós-doutoranda na Universidade do Minho – Braga, Portugal.

² Professora no Departamento de Ciências Humanas e Linguagem do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia/Salvador. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Científica e Tecnológica/GPET. Doutora em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Santiago de Compostela – Espanha.

espera seguir avançando e qualificando o debate e as intervenções proativas, sobretudo no cotidiano escolar. A profícua produção de estudiosas e estudiosos da temática, tanto no Brasil quanto no exterior, comprovada por meio de vasta literatura disponível mostra a importância e a relevância do tema para uma cidadania inclusiva e solidária. A seguir desenvolvemos o tema desejando colaborar para o debate aqui proposto.

Um pouco da trama da obra e da minissérie, versão 2012

A obra de Jorge Amado tem a Bahia e em especial a cidade de Ilhéus como cenário para o desenvolvimento da trama. Para tentar vida melhor, longe da seca, Gabriela e o tio partem para Ilhéus na Bahia, a região mais próspera da época, em busca do sonho de conseguir um emprego. A jornada é árdua em meio ao calor escaldante. As dificuldades do caminho são superadas por Gabriela com a ajuda de dois retirantes: Clemente e Negro Fagundes que acolhem a moça mesmo depois da morte do tio. Clemente se mostra companheiro e ao mesmo tempo encantado e acaba se envolvendo com Gabriela. Depois da longa e árdua jornada Gabriela chega a Ilhéus. Mas afinal, que personagem é esta – Gabriela – que ainda hoje desafia nossa imaginação e de certa forma se apresenta como ícone de sedução, de brejeirice, de vigorosidade sexual, de apelo à ingenuidade/malícia feminina? Que relações de poder emergem quando Gabriela mergulha no patriarcalismo e no machismo? Em um dos diálogos o personagem Fagundes assim fala de Gabriela ao outro personagem Clemente:

Tu pode dormir com ela, fazer as coisas. Mas ter ela mesmo, ser dono dela, como é de outras, isso ninguém vai nunca ser.
– E por quê?
– Num sei, o diabo é que sabe. Num tem explicação.
(AMADO, 2012, p. 85)

Assim, os companheiros de viagem seguem caminhos diferentes e Gabriela é contratada por Nacib para ser cozinheira em seu bar Vesúvio, pois ele estava desesperado – sua cozinheira havia lhe abandonado. Não pôs muita fé em Gabriela: suja, poeira por todo o corpo, cabelos imundos... Será que sabia mesmo cozinhar? No romance Nacib somente indica o banheiro e seu quartinho para que ela tome banho. Já na minissérie, versão 2012, Gabriela banha-se na fonte – no centro de Ilhéus, diante dos olhos surpresos de muita gente.

A cena se reveste de muita sensualidade e aí está a descoberta de um dos temperos de Gabriela: canela! Especiaria importada do Oriente, pois,

efetivamente, é o alimento habitual dos Imortais e, em particular, do ilustre P'ong-tsu (...) a canela deve ser absorvida mesclada a uma porção de cérebro de tartaruga, porque a tartaruga nutre o yin (está ligada ao elemento água, ao passo que a canela nutre o yang (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 175).

A canela era preparada, no Oriente, com um vinho do qual apenas uma gota bastava para dar ao corpo a cor de ouro. Assim, esses elementos: cor de canela e água foram intensamente explorados nas imagens veiculadas pela TV, minissérie/2012: banhos de tina, lavagem de roupa na beira do rio, banho de chuva e esse primeiro banho na fonte. Sua simbologia incita-nos a pensar:

A sacralização das fontes é universal, pelo fato de constituírem a boca da água viva ou da água virgem. Através delas se dá a primeira manifestação, no plano das realidades humanas, da matéria cósmica fundamental, sem a qual não seria possível assegurar a fecundação e o crescimento das espécies. A água viva que delas corre é, como a chuva, o sangue divino, o sêmen do céu (...) a água da fonte é a água lustral, a própria substância da pureza (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 445).

O banho de Gabriela na fonte – por sua virtude, por sua sacralização, por sua simbologia – anuncia a água lustral, a substância da pureza, anuncia o apagar das infrações e de toda a mácula. Esse banho lembra a infância, talvez não perdida e que vitaliza a personagem preparando-a, de certa forma, para os desafios da convivência com seu padrão, amante e marido Nacib conforme a obra em discussão. Bachelard, filósofo francês contemporâneo, cita Franz Hellens em uma interessante passagem sobre a infância que antecipa, neste texto, marcas de Gabriela:

a infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros, e continua a nos enriquecer sem que o saibamos... Ai de quem não pode se lembrar de sua infância, reabsorve-la em si mesmo, como um corpo no seu próprio corpo, um sangue novo no sangue velho: está morto desde que ela o deixou (BACHELARD, 1996, p.130).

Guardem a ideia de infância e retornem à simbologia da água. Para Bachelard, a aspersão é a primitiva operação purificadora, grande e arquetípica imagem psicológica:

A água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza. Que seria da ideia de pureza sem a imagem de uma água límpida e cristalina, sem esse belo pleonasma que nos fala de uma água pura? A água acolhe todas as imagens da pureza (BACHELARD, 1998, p.15).

A lavagem não passa de grosseira e esotérica duplicação. A água não só contém a pureza mas também irradia a pureza¹:

água lustral tem um valor moral: não atua por lavagem quantitativa mas torna-se a própria substância da pureza, algumas gotas de água chegam para purificar um mundo inteiro (DURAND, 1997, p. 172).

A água lustral é a água que faz viver para além do pecado. O banho na fonte anunciava quem era Gabriela – Gabriela de Iemanjá, dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras (AMADO, 2012, p. 306-307). Gabriela trazia as muitas contradições das águas encharcando seu jeito de ser menina/mulher:

gostava de tudo: do quintal de goiaba, mamão e pitanga. De sol esquentar com seu gato matreiro. De conversar com Tuísca, de fazê-lo dançar, de dançar para ele (...) de cantar de manhã, a trabalhar na cozinha. De andar pela rua, de ir ao cinema com Dona Arminda. De ir ao circo quando, no Unhão, circo se armava (op. cit., p. 259).

Aos poucos, essa mulher que se lavou da poeira da estrada, que foi purificada na fonte, que gostava de coisas simples, descobriu o quanto era impedida de fazer o que lhe agradava:

do que gostava, nada podia fazer ... Roda na praça com Rosinha e Tuísca, não podia fazer. Ir ao bar, levando a marmitta, não podia fazer. Rir pra seu Tônico, pra Josué, pra seu Ari, seu Epaminondas? Não podia fazer. Andar descalça no passeio da casa, não podia fazer. Correr pela praia, todos os ventos em seus cabelos, descabelada, os pés dentro d'água? Não podia fazer. Rir quando tinha vontade, fosse onde fosse, na frente dos outros, não podia fazer. Dizer o que lhe vinha na boca, não podia fazer. Tudo quanto gostava, nada disso podia fazer (op. cit., p. 259).

Esse impedimento integra os desejos do homem machista da sociedade patriarcal brasileira de considerar e mesmo exigir a postura da “mulher ornamental” como afirma Gilberto Freyre na obra *Modos de homem & modas de mulher*. “Mulher ornamental” que sacraliza e de certo modo referenda as tradicionais relações de submissão e hierarquias familiares e sociais. Eis aí as convenções de uma sociedade machista e patriarcal a definir gestos e modos de comportamentos para as mulheres em geral. Reconhecer a submissão, nesse caso, é um passo para a desobediência e a procura de satisfazer seus desejos, que marca a personagem Gabriela.

Nesse contexto, o século XIX, através do pudor e da vergonha, ocultou um duplo sentimento: por um lado o medo de ver o corpo – exprimir-se, de permitir que o animal se manifestasse, o que gerava a preocupação de evitar qualquer manifestação corporal. Por outro lado, o medo de que o segredo íntimo fosse violado pela indiscrição. Nos emaranhados do romance amadino se pode perceber esse duplo sentimento que aqui se menciona.

Essas preocupações inspiraram a pedagogia das congregações femininas que objetivavam reduzir a vivacidade das crianças, estancar as fontes de emoção e restringir as manifestações da sensualidade. Se os sentidos são como portas abertas para o demônio, fazia-se necessário ensinar a prudência, ocupar constantemente as mãos das crianças, ensinar-lhes a recear o próprio olhar, a falar em voz baixa, a compenetrar-se das virtudes do silêncio. Gabriela, portanto, era educada para ser uma “dama”, para ser a Sra. Saad. Ela dizia: “era ruim ser casada!”

Ilhéus: início do século XX – proibições de banhos de mar e vigilância também pelas beatas

O seguinte diálogo apresenta a reação das pessoas de Ilhéus perante o banho de mar:

- A praia é bonita. É boa pro banho de mar?
- Muito boa.
- Mas está vazia...
- Aqui não há esse costume. Só Mundinho, e, antigamente, o finado Osmundo, um dentista que foi assassinado... De manhãzinha bem cedo...
- O engenheiro riu:
- Mas não é proibido?
- Proibido? Não. Só que não é costume. (Op. cit., p.147)

Ora, o costume na Ilhéus de então – estamos falando de 1925 – retratava certamente uma sociedade conservadora e não adepta da liberdade promovida por banhos de mar. Ainda que não estivesse proibido, o banho de mar não era comum para a maioria das pessoas, exceção feita a esses personagens que, a olhos vistos, eram transgressores dos modos sociais vigentes.

Existe relato que em 1822 o conde de Brancas fundou o primeiro estabelecimento de banhos de mar conseguindo levar até o local a duquesa Berry. A

partir de então a corte se desloca para beira-mar. As águas minerais também entram na moda desde o começo do século.

Depois de 1830-1840 os médicos exploraram as afirmações dos higienistas do século XVIII considerando a água do mar como “prova”, meio de choque e de solidificação. A água deveria ser enfrentada fazendo com que os corpos recebessem o impacto das ondas. Vários banhistas são treinados para segurar os corpos dos “cursistas” e jogá-los nas ondas, repetindo a operação. Esses banhos não tinham então relação com a limpeza e nem com a natação e sim com a hidroterapia e as discussões sobre os efeitos da água fria no organismo.

Segundo um artigo de 1915, publicado na Revista da Semana, no. 46, intitulado “Banhos de Mar”:

ele é um “excellente recurso therapeutico” a ser recomendado aos anêmicos, aos “escrofulosos” e aos convalescentes em geral. Mas “os tuberculosos, os cardíacos, os gottosos e as histéricas devem, ao contrário, evitá-lo. Desse modo, “os banhos de mar só devem ser usados sob prescrição médica”. (OLINTO apud SANT’ANNA, 1995)

O banho de mar constituiu-se numa possibilidade para desnudar os corpos. Na primeira metade do século elaborou-se uma nova experiência com o espaço: proximidade com a praia, longas caminhadas, solitários devaneios em meio aos bosques.

No decorrer da segunda metade do século instaurou-se a noção de férias. A praia distendia os gestos, aliviava as roupas, tornava as brincadeiras e as posturas mais espontâneas. Calor e beleza violenta transtornaram a carne e a alma, permitindo a irrupção do prazer. Ainda que aliviasse as roupas, estas eram generosas, fabricadas com tecido de flanela ou baeta grossa de cor escura, sem forros.

ELIAS (1994) discute as diferenças nos trajes de banho no decorrer do processo civilizador. O autor considera que, só numa sociedade com um padrão elevado de controle dos impulsos como a atual é que os trajes de banho têm esse grau de liberdade:

As emoções de fato têm, em forma “refinada”, racionalizada, seu lugar legítimo e precisamente definido na vida cotidiana da chamada sociedade civilizada. E isto é muito característico do tipo de transformação através do qual se civilizam as emoções (...) essa transformação do que, inicialmente, se exprimia em uma manifestação ativa e freqüentemente agressiva, no prazer passivo e mais controlado de assistir (isto é, em mero prazer do olho), já é iniciada na educação e nas regras de condicionamento dos

jovens (...) o olho assume importância muito específica na sociedade civilizada” (p.200).

A falta de costume de tomar banho de mar, associada à ideia de vigilância dos corpos e dos costumes está também associada a vigilância em outros setores da vida doméstica e social. A vigilância provinha dos médicos, dos padres, dos pais e das mães – vigilância nos dormitórios, em casa e nos colégios. As crianças não podiam ficar sozinhas por muito tempo e as moças deveriam permanecer sempre à vista de numerosas colegas. A prática da equitação e a máquina de costura despertavam desconfiança.

A vigilância gerava a transgressão; formavam-se grupos para rir e falar de sexo. O nu, que era profundamente ocultado, era um fantasma a espreitar os homens. No romance *Nana* os convidados da condessa Sabine falavam da forma de suas coxas. Zola sugere, em alguns romances do final do século, o roseamento da pele, quando longamente banhada ou o vapor de um banheiro superaquecido:

Detém-se nos perfumes abafados das banheiras, nas gotas orvalhando os membros. Surpreende gestos, prolonga contatos, registra cores e ruídos, transmitindo até os movimentos e os marulhos abafados da água. Suas banhistas burguesas conservam a pele sempre um pouco úmida sob a camisa ou o penhoar: é Nana, sumariamente vestida, recebendo Filipe ao sair de seu banho, ou ainda Nana “visitando e lavando” seu corpo, antes de o examinar interminavelmente diante de um espelho (ZOLA apud VIGARELLO, 1996: p. 241).

A emoção literária contribuiu para a difusão dessa prática do banho entre os privilegiados. Dentre outros textos que trazem esses cuidados secretos encontra-se *La Venus de Rachilde* (1884): a água escorrendo ou secando sobre a pele; um corpo ainda úmido, recém-saído da água.

Com todas essas contradições, o imaginário da época redundava em um sentimento de vulnerabilidade que acompanhava os progressos da individualização; o fracasso da relação, que, no seio das classes dominantes, convidava a um temeroso recuo para os prazeres solitários e a interiorização dos imperativos de uma moral sexual cada vez mais exigente, gerando o sentimento de culpa. Tudo isso fez do século XIX a idade de ouro da confissão e da penitência.

Das histórias ampliadas na minissérie de 2012, a personagem Dona Dorotéia vivida pela atriz Laura Cardoso, constituiu-se na maior mexeriqueira de Ilhéus em nome da moral e dos bons costumes, uma vigilante em tempo integral! Só que escondia um

passado nada puro: era quenga! E, para surpresa de todas as pessoas, a beata resolve assumir que sente saudades da época de Dodô Tanajura. Tudo o que aconteceu em Ilhéus tem o dedo dela: o assassinato de dona Sinhazinha (Maitê Proença), a descoberta do namoro e o flagra da fuga de Gerusa (Luiza Valdetaro) e Mundinho (Mateus Solano), a surra em praça pública de Malvina (Vanessa Giácomo), a vergonha do professor Josué (Anderson di Rizzi) e Glória (Suzana Pires) que precisaram fugir nus de Coriolano (Ary Fontoura). As irmãs dos Reis tentam bancar as superiores dizendo que só aceitaram a amiga de volta por que têm muita caridade no coração, mas a megera fala logo o que pensa: “Tem é segura nas partes, isso sim! Nunca sentiram o que é bom! Sabem não o que perderam! Fui esposa honesta, mas a vida de casada foi uma chatura. Vida de quenga é que era boa! Se alguém me pagasse agora, eu ainda ia! Ôxe, ia com gosto!” Nessa passagem da obra se pode observar o quanto as possibilidades de transgressões também são possíveis e viáveis e como as oportunidades de se comportar diferente do grupo, ainda que pequenas, são realidades.

Personagens como Dona Dorotéia tentavam controlar a vida em Ilhéus. Veiga-Neto (2006, p. 20) diz que “em termos etimológicos, é fácil compreender a relação de dominação como uma operação em que uma parte quer trazer a(s) outra(s) para o seu domínio, ou seja, para a sua casa, seu domo, sua morada”. A casa da personagem era toda a cidade e sua “dominação – sobre o(s) outro(s) – implica uma ação de governar ou um *governo* – sobre esse(s) outro(s)”:

se eu ouvir um gemido que seja, eu digo pra todo mundo que tu é quenga e mando Berto te devolver (Dorotéia para Zuleika na noite de núpcias do neto Berto)
Se não matou porque é corno manso (Dorotéia para Coriolano que não matou Glória e Josué depois do flagra)
Se seu pai tivesse vivo morria de desgosto por ter um filho chibungo (Dorotéia para Amâncio quando descobriu que o filho era o caso de Miss Pirangi).

Estas falas, decorrentes de várias cenas veiculadas na minissérie/2012 e tantas outras, que abordam a sexualidade da mulher casada e da “quenga”; das infidelidades; das homossexualidades; dos comportamentos tidos como desejáveis, incitam a discussão das relações de dominação, das relações de poder e das possibilidades das resistências. Foucault diferencia os conceitos de poder e de dominação – o poder não é uma dominação:

A dominação é uma estrutura global de poder cujas conseqüências podemos, às vezes, encontrar até na trama mais tênue da sociedade; porém, e ao mesmo tempo, é uma situação

estratégica mais ou menos adquirida e solidificada num conjunto histórico de longa data entre adversários (FOUCAULT, 1995, IN: VEIGA-NETO, 2006, p. 20).

Nas personagens da minissérie Gabriela, versão 2012, tanto a dominação quanto as relações de poder, as estratégias para as mobilidades e as chances de escape estavam presentes. A trama veiculou multiplicidades de correlações de força, mas, ao mesmo tempo, multiplicidades de estratégias, de lutas para os afrontamentos e que se correlacionam. Foucault (1988, p. 102-103) afirma que:

os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.

Assim, a personagem Dona Dorotéia e tantos outros personagens construíam saberes que produziam efeitos de verdade. Com a possibilidade de selecionar vários trechos da trama, escolhemos o que diz o personagem Tônico Bastos para Nacib falando de Gabriela, depois do casamento:

Você parece não entender que esposa não é mulher-dama. Amor de esposa é recatado. Não é mesmo você que quer minha afilhada como uma senhora de respeito? Comece na cama, meu caro. Pra se esparramar tem mulher sobrando em Ilhéus... Até demais. E algumas são do outro mundo. Você virou monge, nem vai mais ao cabaré... (AMADO, 2012, p. 258).

Este discurso, em conexão com as relações de dominação e de poder, são tomados como verdade, assim como tantos outros, tal como se afirma em algumas passagens de dita obra:

os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não freqüentavam igrejas, rebeldes à missa e à confissão, deixando essas fraquezas para as fêmeas da família (op. cit., p.15); moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha (op. cit., p. 60); honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada (...) não se conhecia outra lei para traição de esposa além da morte violenta. Lei antiga, vinha dos primeiros tempos do cacau, não estava no papel, não constava do código, era no entanto a mais válida das leis (op. cit., p. 87); mulher casada é para viver no lar, criar os filhos, cuidar do esposo e da família (op. cit., p. 93); sempre conheci Ilhéus como uma terra de cabarés, de bebedeira farta, de jogatina, de mulheres-damas (op. cit., p. 94); nas roças, trabalhador casa até com toco de pau, se vestir saía. Pra ter mulher em casa com quem deitar, também pra conversar. Mulher tem

muita serventia, o senhor nem imagina. Ajuda até na política. Dá filho pra gente, impõe respeito. Pro resto, tem as raparigas... (op. cit., p. 157); essas moças de hoje... até livro imoral elas compram (op. cit., p. 158); mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder (op. cit., p. 196); quero fazer de você uma senhora distinta, da alta-roda (op. cit., p. 225).

Com essa polifonia de vozes que tentam controlar os corpos, dominar, exercer o poder num campo minado pelas possibilidades de resistências, histórias de submissão e insubordinação são construídas, ultrapassando os limites da fantasia que caracteriza a obra literária e chegando à realidade da sociedade patriarcal e machista brasileira. Veiga-Neto, fala da luta continuada para efetivar as mudanças chamando-a de “luta perpétua”:

Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem possibilidade a uma resistência; e é porque há possibilidade de resistência, e resistência real, que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante. Em toda parte se está em luta [...], e a cada instante se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião, e é toda essa agitação perpétua que gostaria de fazer aparecer (FOUCAULT, 2003, IN: VEIGA-NETO, 2006, p. 232).

A personagem Malvina – filha de coronel – elaborava suas estratégias escolhendo meios para chegar ao que planejava; os procedimentos adotados mediante os controles advindos do pai, das beatas fofoqueiras e as tentativas de não se deixar imobilizar:

O senhor não vai compreender. Aqui ninguém pode me compreender. Já lhe disse, meu pai, mais de uma vez: eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório.

- Tu não tem querer. Tu há de fazer o que eu ordenar.

- Eu só vou fazer o que eu desejar...

- Cala a boca, desgraçada!

- Não grite comigo, sou sua filha, não sou sua escrava.

- Malvina! – exclamou a mãe, - Não responda assim a seu pai (AMADO, 2012, p. 193).

Malvina jurava a si mesma que não se deixaria prender. “O pai nos cabarés, nas casas de mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com os

amigos bebendo. A mãe a fenecer em casa, a ouvir e a obedecer. Macilenta e humilhada, com tudo conforme, perdera a vontade. Nem na filha mandava”. (Op. cit., p. 196).

Esta prática discursiva produz mulheres submissas; produz homens autoritários, machistas, violentos; a linguagem produz verdades que não são fixas. Essa produção não é somente repressiva e navega pelas relações de poder:

Enquanto exercício, o poder intervém materialmente na realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e penetra na vida cotidiana na forma de micro poder que está presente na estrutura social em pontos móveis e transitórios. Seus efeitos não são apenas negativos – excluir, reprimir, recalcar, censurar, abstrair, mascarar, esconder. O poder tem também uma positividade no sentido de produtividade (CAMARGO, 2012, p. 108).

Sobre as resistências de Gabriela

Ainda que não se possam duvidar dos processos de produção de submissão das mulheres na sociedade brasileira machista dos anos aqui comentados, e também na obra aqui discutida se deve reconhecer com apoio de algumas passagens da citada obra, que também as resistências à submissão são produzidas. Isso significa que as diferenças de sentimentos e comportamentos são inegáveis e que a despeito da massificação e do assujeitamento a que eram submetidas as mulheres na sociedade machista baiana de então havia conquistas de mulheres como Gabriela que não se deixava aprisionar nos moralismos e convencionalismos de sua época. Pode-se observar esta afirmativa, na passagem transcrita a seguir:

“Quando Nacib partiu, ela sentou-se ante a gaiola. Seu Nacib era bom, pensava ela, tinha ciúmes. Riu, enfiando o dedo por entre as grades, o pássaro assustado a fugir. Tinha ciúmes, que engraçado... Ela não tinha, se ele sentisse vontade podia ir com outra.

No princípio fora assim, ela sabia. Deitava com ela e com as demais. Não se importava. Podia ir com outra. Não pra ficar, só pra dormir. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado.

Que pedaço tirava se Josué lhe tocava na mão? Se seu Tônico, beleza de moço!, tão sério na vista de seu Nacib, nas suas costas tentava beijar-lhe o cangote? Se seu Epaminondas pedia um encontro, se seu Ari lhe dava bombons, pegava em seu queixo? Com todos eles dormia cada noite, com eles e com os de antes também, menos seu tio, nos braços de seu Nacib. Ora com um, ora com outro, as mais das vezes com o menino Bebinho e com seu Tônico. Era tão bom, bastava pensar.

Tão bom ir ao bar, passar entre os homens. A vida era boa, bastava viver. Quentar-se ao sol, tomar banho frio. Mastigar as goiabas, comer manga espada, pimenta morder. Nas ruas andar, cantigas cantar, com um moço dormir. Com outro moço sonhar. Bié, gostava do nome. Seu Nacib, tão grande, quem ia dizer? Mesmo na hora, falava língua de gringo, tinha ciúmes... Que engraçado! Não queria ofendê-lo, (AMADO, 2012, p. 142)

Ora, as relações de poder, tal como estamos discutindo neste artigo, considerando as ferramentas do referencial de Foucault, são também espaços de construção de resistências, de engendramento de novas relações de poder. A história de Gabriela é neste sentido emblemática. Ao não ceder ao *modus vivendi* da sociedade local e manter seu “estilo de ser e estar” no mundo a personagem tipifica formas de resistências para não sucumbir à submissão machista. Foi assim logo no início com Fagundes e continua sendo com Nacib. Gabriela, retirante que tem “berço”, pois, trabalhou em casa “de gente rica”, segundo algumas falas suas, também aprendeu ao seu modo, resistir e ser livre em seus desejos.

O próprio cheiro de Gabriela, cheiro de cravo, tal como declara Nacib no início de sua convivência com ela: “dela vinha um perfume de cravo, dos cabelos talvez, quem sabe até do cangote” e em muitos outros momentos do romance em tela, é um convite a desconstruir os padrões vigentes na Ilhéus cacauceira de então. Nacib e Gabriela talvez sejam o casal mais livre e ao mesmo tempo mais “preso” aos enredos da paixão e da volúpia do romance amadino. Assim, pensar nessa perspectiva, é também enfrentar que as resistências e as relações de poder tem seus meandros e suas sutilezas e que escapam às submissões tão ao gosto de sociedades machistas e preconceituosas como a que estamos pontuando.

Pensar nas manifestações eróticas do cheiro de perfume de cravo de Gabriela, tal como o sente Nacib em seus devaneios, pode nos remeter ao que Bachelard escreve sobre as possibilidades do encontro da alma no devaneio. Em suas palavras: “...o devaneio nos dá o mundo de uma alma, que uma imagem poética testemunha; uma alma que descobre o seu mundo, o mundo onde ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver” (BACHELARD, 1996, p.15). Ora, apesar dos receios e preconceitos existentes no romance de Nacib e Gabriela, não se pode desprezar o cenário de devaneio no envolvimento entre ambos e como a conjunção dessas almas eróticas é uma realidade.

A concepção bachelardiana sobre o devaneio nos auxilia a pensar como as possibilidades de transgressões são infinitas e como é possível articular um modo diferente de vida ainda que isso signifique enfrentar as vigilâncias e ditames sociais.

Observando algumas falas das personagens Gabriela e Nacib, principalmente as de cunho erótico/amoroso, se compreende o quão importante é o devaneio como impulsionador de sentido para o processo de construção de resistências.

Bachelard comenta que ao contrário do devaneio, “a vida animada pela função do real, é uma vida fragmentada, fragmentadora fora de nós e em nós. Ela nos atira para fora de todas as coisas. Então estamos sempre fora (BACHELARD, 1996, p. 156)”. Assim, ambas as personagens Nacib e Gabriela, mas também outras da trama aqui analisada podem ser situadas nesse misterioso mundo do devaneio onde se arriscam com comportamentos que não seriam comuns na “vida animada pela função do real” tal como o entende o filósofo francês. Desse modo a possibilidade da transgressão e da construção de outras relações de poder se faz presente e se atualiza no cotidiano, criando então oportunidades de rompimento com processos de dominação seculares, como os demonstrados por algumas personagens da obra estudada.

Considerações finais

A condição da mulher na sociedade burguesa brasileira do início do século passado é bastante estudada a partir de diferentes perspectivas. Seja no âmbito da sociologia, da história, da educação, dos movimentos sociais, o preconceito e a discriminação para com as mulheres de todas as idades, raças/etnias, credo e classe social é constantemente denunciado e problematizado, o que tem contribuído com a luta das mulheres – e não só das mulheres mas também dos homens. Quantos sofrimentos de personagens da trama que fugiam aos padrões impostos aos homens! Quanta sensibilidade escondida, não revelada! Assim, continuamos a questionar a subjetivação das mulheres em estreita relação com a subjetivação de homens. O conceito de gênero torna-se importante para tecer esse argumento; Scott (1995) diz desse caráter relacional, estreitamente ligado às relações de poder. Gênero pode ser compreendido como “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Assim, a dinâmica das permanências e transformações da “sociedade” – Gabriela odiava a tal da sociedade – navega por significados, símbolos, imaginários, que normatizam as sociedades.

Dessa forma, o cenário da obra Gabriela, Cravo e Canela, do autor baiano Jorge Amado, que foi escrita e publicada em 1958, rendendo ao mesmo honras e glórias

literárias por seu instigante romance, trouxe-nos elementos da cultura nordestina de então através das personagens tão bem construídas: jagunços e coronéis do cacau; beatas e prostitutas; moças casadoiras e aquelas que queriam exercer uma profissão, dentre outras. Perguntamos: hoje, tanto tempo depois, o que mudou e o que permanece? Este artigo, a partir do cenário e de algumas personagens da obra amadina, ao problematizar algumas questões relacionadas aos saberes, poderes e verdades construídas, (des)construídas e (re)construídas a partir de ferramentas teóricas, incluindo o referencial foucaultiano, com foco na reflexão sobre as possibilidades de resistência elabora outra pergunta: que processos educativos são acionados para que, no contexto do hoje, as mudanças ocorram? Que outras formas de ser em grupo estão sendo construídas para minimizar as violências?

Também o referencial bachelardiano subsidiou este texto, pois nos fomentou a discussão de questões cruciais no emaranhado da imaginação e do espírito científico e de sua irredutibilidade somente à razão ou à imaginação. Ora, para esse autor, os quatro elementos são hormônios da imaginação: terra, fogo, água e ar. Assim, buscamos no imaginário das águas anunciar a chegada de Gabriela em Ilhéus – representada em seu banho na fonte – pois a água lustral é a água que faz viver para além do pecado da carne. Mas, toda a pedagogização da sexualidade de Gabriela – menina mulher – esbarrou nas convenções sociais intensamente produzidas pelo assujeitamento dos corpos. Muitas crenças fizeram com que as pessoas encarassem com prudência os efeitos da água sobre o físico e o moral. As normas regularam a prática do banho conforme o sexo, a idade, o temperamento e a profissão. A preocupação consistia em evitar o olhar para si, o tocar em si (CORBIN, 1991). Reafirmamos que o contexto de produção das subjetividades comporta discursos religiosos, jurídicos, pedagógicos, científicos que tentam classificar, serializar, normatizar, normalizar.

Aproximamos também a criança de Gabriela pois ambas necessitam de matéria abundante, oportuna e variada para alimentar a sensibilidade e a intuição. Nossa civilização, dominada por um intelectualismo refinado, violentou (ou violenta?) a criança e menospreza o valor e a existência das experiências sensíveis? Coisas simples e que davam muito prazer à Gabriela.

Abrir, portanto, os olhos e problematizar o imaginário das águas e as sexualidades das crianças, de jovens, de homens e mulheres quaisquer que sejam suas identidades sexuais, não com um olhar cartesiano, frio, imóvel, mas o olhar

bachelardiano, da imaginação criadora, que busca aproveitar todas as profundidades é um desafio que se apresenta para os processos educativos. Imbricamos esse referencial com o de Foucault quando diz que “não existe um sujeito como tal, isto é, universal, a-histórico, mas uma história da subjetividade, ou seja, das diferentes tecnológicas de si” (FOUCAULT, 1999, p. 89). Tudo isso pois “é preciso ir aos porões” (VEIGA-NETO, 2012, p. 267).

Tudo isso e muito mais para inventar outros modos de vida: fica o desafio!

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior*. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

_____. *A poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 12ª ed. Colaboração: André Barbault et al.; coordenação Carlos Sussekind; tradução: Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CORBIN, Alain. *Bastidores*. In: *História da Vida Privada. Vol. IV: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Sob a direção de Michelle Perrot et al.; tradução Denise Bottman, partes 1 e 2; Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à Arquetipologia Geral*. Tradução: Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Ensino Superior).

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Vol. 1: Uma História dos Costumes*. 2a. ed. Tradução: Ruy Jungman; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modos de mulher*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

FOUCAULT, M. *A Microfísica do Poder*. Tradução e organização de Roberto Machado. 14ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *A História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, v.1. 1988.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez. 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do Corpo. Elementos para uma história das práticas corporais*. Organização: Denise Bernuzzi de Sant'Anna; tradução dos textos em francês: Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. *É preciso ir aos porões*. In: Revista Brasileira de Educação. V. 17, n. 50. Maio-ago. 2012.

_____. *Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império*. IN: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.) *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIGARELLO, Georges. *O Limpo e o Sujo: uma história da higiene corporal*. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ⁱ Cf DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes. 1997. “Não é a pureza, na sua quintessência, raio, relâmpago e deslumbramento espontâneo? O segundo aspecto, que equivale sensorialmente à limpeza da água lustral e lhe reforça a pureza é o frescor. Este frescor funciona em oposição com a tepidez cotidiana. A queimadura do fogo também é purificadora, pois o que se exige da purificação é que, pelos seus excessos, rompa com a tepidez carnal do mesmo modo que com a penumbra da confusão mental (...) Bachelard também nota que, antes de tudo, a água de juventude “acorda” o organismo. A água lustral é a água que faz viver para além do pecado a carne e a condição mortal. A história das religiões vem uma vez mais completar a análise psicológica: “a água viva”, a “água celeste” encontra-se tanto nos *Upanixades* como na *Bíblia* e nas tradições célticas e romanas” (p. 172, 173)